

Sobre os pais de dois meninos

Claudia Campos Soares*

Resumo

O presente estudo apresenta algumas reflexões sobre a personagem paterna em duas narrativas: **Infância** (1995), de Graciliano Ramos, e “Campo geral”, de Guimarães Rosa. Pretendeu-se demonstrar que há uma área de aproximação entre os dois universos ficcionais, que permite a visada comparada, mas há também diferenças significativas entre eles. Em **Infância**, o comportamento e as atitudes do pai se explicam principalmente por determinações objetivas; já em “Campo geral”, as bases de compreensão da personagem paterna estão também no modo como se conjuga com forças mais amplas, transcendentais.

Palavras-chave: **Infância**; “Campo geral”; Personagem paterna; História; Mito.

Graciliano Ramos e Guimarães Rosa são escritores que se aproximam em muitos aspectos, a começar pelo fato de ambos terem escrito narrativas de caráter regionalista em período histórico mais ou menos coincidente. Embora Graciliano já fosse um escritor veterano em 1946, quando Rosa se apresentou com **Sagarana** (a essa altura o escritor alagoano já tinha trazido a público toda a sua obra ficcional e já estava publicando memórias; **Infância** é de 1945), os dois autores compartilharam certas experiências históricas e viveram, pelo menos durante certo tempo, as mesmas tensões sociais. O escritor alagoano chegou a ser, inclusive, jurado de um concurso literário no qual Guimarães Rosa concorreu com um livro de contos, primeira versão do que seria mais tarde **Sagarana**. Alguns anos depois, Graciliano e Rosa chegaram a se encontrar pessoalmente, conforme relato do próprio autor de **Infância**.¹

* - Universidade Federal de Minas Gerais.

1 - Ramos relatou seus encontros com a obra rosiana em processo e com o próprio escritor mineiro em três crônicas, pelo menos: duas recolhidas mais tarde em **Linhas tortas** (“Um livro inédito” e “Conversa de bastidores”. In: RAMOS, 1986, p.152-153 e 246-249) e uma

Rosa se formou como escritor e Graciliano escreveu sua obra mais propriamente literária em um período especialmente marcado nos meios intelectuais brasileiros por uma atitude de análise e crítica em face da realidade nacional², e suas obras refletem isso. Cada uma a seu modo, entretanto. A reflexão sobre problemas nacionais que elas realizam tem semelhanças, mas não se faz nos mesmos termos. Este trabalho buscou investigar algumas áreas de aproximação e também de diferença e contraste entre **Infância** – livro de memórias de Graciliano Ramos – e “Campo geral” – primeira do conjunto de sete novelas de Guimarães Rosa intitulado **Corpo de baile** (1956) –, principalmente no que se refere à configuração da personagem paterna³. O que torna o pai uma personagem muito importante nas duas narrativas é que ambas têm meninos por protagonistas; e esses meninos, também nos dois casos, têm relações muito difíceis com seu respectivo progenitor.

Em **Infância**, o cenário inicial é o inóspito agreste nordestino: no começo da narrativa, o pai do protagonista é dono de uma fazenda na região, mas tem muitos prejuízos com a seca e é obrigado a migrar com a família para um vilarejo do sertão pernambucano chamado Buíque, onde passa a viver dos rendimentos de um pequeno comércio. Depois de conseguir acumular algum capital, o que ocorre quase no final do livro, o pai se muda novamente com a família, agora para a cidade de Viçosa, em Alagoas, em região mais próspera, de matas e engenhos.

Devido a sua maior urbanidade, o mundo de **Infância** é bem mais aberto do que o de “Campo geral” – gradativamente mais aberto, mais precisamente. Sobre o período da fazenda o livro não fala muito, uma vez que Graciliano passa ali somente os seus primeiros anos de vida e tem dele poucas lembranças. Em Buíque, entretanto, isso já se revela claramente. Graciliano-menino escuta histórias na venda, convive com os habitantes do povoado, perambula pelas ruas onde encontra tipos diversos e, bem ou mal, tem acesso às primeiras letras. Mais tarde, em Viçosa, tem oportunidade de florescer o seu interesse pela literatura.

terceira (também intitulada “Um livro inédito”) mais recentemente recuperada e republicada pela revista **Teresa** (2001).

2 - Cf., por exemplo, CANDIDO, 1987, p. 181-198 e 199-215.

3 - A partir de sua terceira edição, **Corpo de baile** desdobrou-se em três: **Manuelzão e Miguilim**, **No Urubuquaquá, no Pinhém** e **Noites do sertão**. “Campo geral”, nas edições tripartidas do livro, é a primeira novela de **Manuelzão e Miguilim**.

O sertão de Miguilim e sua família é bem mais profundo. “Campo geral” se passa no longínquo Mutum, fazenda encravada nos confins de uma ampla região denominada “campos gerais”⁴. É o que indicam já as primeiras linhas da novela:

Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Franco-d’água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covão em trechos de matas, terra preta, pé de serra. (ROSA, 1994, v.1, p. 465)

Como foi discutido em outra ocasião⁵, o Mutum é um lugar muito distante. Indica-o, somente nesse trecho: a repetição, com função de intensificação, do adjetivo “longe”; o fato de as veredas ao seu redor não terem nome – como se fossem ainda lugares selvagens, não tocados pela ação nomeadora humana; e ainda sua localização num “covão”, ademais rodeado de matas e serras.

A distância determina o isolamento. Como também foi discutido naquela oportunidade (SOARES, 2008a), a família de Miguilim se relaciona com

4 - No mundo rosiano, os “campos gerais”, ou simplesmente “gerais”, são uma espécie de antessala do “sertão” propriamente dito. Esse último, mais profundo na geografia e no arcaísmo de seus usos e costumes, é lugar onde bandos de jagunços têm livre trânsito e percorrem latifúndios e terras devolutas prestando serviços aos grandes proprietários e se envolvendo em grandes batalhas, como as que são narradas em **Grande sertão: veredas**. Nos gerais, cenário de **Corpo de baile**, se está um pouco menos longe da cidade e das instituições que organizam a vida social. Aí “o proprietário tem sua riqueza defendida e reproduzida não pela ação espetacular dos jagunços, mas pela labuta rotineira dos lavradores da terra alheia e dos vaqueiros” (LIMA, 1999, p. 16). Entretanto, embora os homens não se dediquem à violência como forma de vida nos gerais, ela também não é realidade desconhecida aí. Lutas jagunças, assassinatos – que acontecem no tempo da narração ou aparecem como lembranças de tempos passados, mas não muito distantes, de algum personagem – e vida errante não são realidades estranhas em **Corpo de baile**. Na verdade, a linha que separa sertão e gerais é tênue, e mesmo entre as novelas há graus de aproximação e distanciamento de cada universo ficcional em relação ao mundo urbano (Cf. SOARES, 2008b). Por isso os ambientes às vezes se confundem, como se percebe pelas palavras de Riobaldo, em **Grande sertão: veredas**: “(...) isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Uruçúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão?”. E o próprio Riobaldo responde: “Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões...” (ROSA, 1994, p. 11)

5 - A distância e o isolamento da fazenda do Mutum, bem como algumas das características do pai de Miguilim que serão apresentadas adiante, foram melhor desenvolvidas em trabalho anterior (SOARES, 2008a). Aqui, foram retomadas de forma resumida para permitir a comparação com **Infância**.

muito pouca gente; e quase não mantém contato com pessoas estranhas ao lugar.

Apesar dessas diferenças – ou graus – de distanciamento em relação ao mundo das cidades mais ou menos ao leste e ao sul, **Infância** e “Campo geral” aproximam-se em aspectos mais profundos. Uma delas é que os pais de família, em ambas as narrativas, ainda que um pouco menos num caso, um pouco mais no outro, vivem em situação de dependência e instabilidade econômica.

A família de Miguilim integra a plebe rural que costuma ter de migrar pelo sertão, submetida aos revezes da sorte e da estrutura econômico-social. Nhô Bernardo é pobre e não tem perspectiva de melhora no quadro de pobreza estrutural que caracteriza a sociedade nos gerais rosianos. No tempo em que se passa a estória, ele é foreiro da fazenda onde vive com sua família. Tendo conseguido colocar-se a serviço de um proprietário, o pai de Miguilim garantiu para si e para os seus, pelo menos provisoriamente, o que comer e lugar para morar. A família, entretanto, passa por muitas dificuldades econômicas. No seguinte trecho evidenciam-se as pressões a que nhô Bernardo está submetido:

Como o pai ficava furioso: até quase chorava de raiva! Exclamava que ele era pobre, em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terras ali não eram dele, o trabalho era demais, e só tinha prejuízo sempre, acabava não podendo nem tirar para o sustento de comida da família. Não tinha posse nem pra retelhar a casa velha, estragada por mão desses todos ventos e chuvas, nem recursos para mandar fazer uma boa cerca de réguas, era só cerca de achas e paus pontudos, perigosa para a criação. (ROSA, 1994, v.1, p. 490)

Para além do esforço excessivo de tentar fazer a fazenda produzir⁶ e de seu sempre insatisfatório resultado, sua posição social também não lhe traz conforto porque, como observou Deise Dantas Lima, o capataz “move-se num entrelugar onde o mando sobre os demais trabalhadores da fazenda

6 - A vida no Mutum exige labor árduo e contínuo. Para sobreviver ali, as pessoas têm de colocar o trabalho acima de quaisquer outros interesses, como observa Miguilim: “(...) nunca que ninguém tinha tempo, quase que nenhum, de trabalhar era que todos careciam.” (ROSA, 1994, p. 487)

conflita com a subserviência ao proprietário.” (LIMA, 2001, p. 20)

Tal é o caso do pai de Miguilim. Frente a outros trabalhadores da fazenda, nhô Bernardo não é um homem totalmente destituído. Embora a casa onde mora com a família esteja velha e ameace cair a cada tempestade, ela ainda é melhor, por exemplo, que a do Vaqueiro Saluz. Miguilim o percebe na ocasião em que ali fora passar alguns dias, depois de uma briga com o pai. A casa era “toda de buriti” e as pessoas ali não dormiam em camas, mas em “jirais”, que eram forrados com sacos emendados uns nos outros, pois “não tinham roupa de cama.” (ROSA, 1994, v.1, p. 534)

Para o capataz do Mutum valem ainda as seguintes palavras de Deise Dantas Lima:

Tal ambivalência de papéis põe a mostra um complexo entrecruzar dos mecanismos de dominação e sujeição econômicas, com dolorosas implicações sobre a consciência e as atitudes destes indivíduos, agenciados pelos relacionamentos interpessoais.” (LIMA, 2001, p. 20)

As “dolorosas implicações” que o situar-se nesse “entrelugar” determina “sobre a consciência e as atitudes” de nhô Bernardo podem ser observadas, por exemplo, na postura ambígua que ele assume diante do vizinho seo Deográcias, a quem distingue de outros habitantes das redondezas por ter uma posição social ligeiramente superior na hierarquia social do sertão⁷. Sente-se, entretanto, inferiorizado diante dele, como o demonstra seu comportamento no episódio em que o vizinho o alerta para o perigo que constituía para a família os galhos de uma árvore que crescia muito rente à casa. Todos estavam convencidos da ameaça e desejavam que a árvore fosse cortada, mas nhô Bernardo, contudo, não permitiu que cortassem, para não dar ao vizinho a impressão de submeter-se às suas ordens (ROSA, 1994, p. 491). Obviamente, tal atitude não demonstra nenhuma independência pessoal de sua parte, muito antes pelo contrário.

A pressão contínua advinda da responsabilidade com a produtividade da fazenda, o sentimento de insatisfação para com os resultados sempre insuficientes do seu esforço e a situação de dependência contribuem para fazer de nhô Bernardo um homem frustrado e irascível – o que acaba

7 - Sobre a ligeira superioridade social de seo Deográcias, (cf. SOARES, 2008a.).

contribuindo também para perpetuar a opressão que recebe de cima descarregando-a sob os que estão ainda mais abaixo, oprimindo-os, por sua vez. Sujeitos a seu arbítrio, a mulher e as crianças, principalmente Miguilim, são vítimas frequentes de suas brutalidades.

Não é muito diferente o comportamento do pai em **Infância**, a não ser pelo fato de sua relação com a mulher ser harmoniosa. Nas memórias de Graciliano há harmonia conjugal, marido e mulher “ajustavam-se” (p. 13)⁸, as crianças, contudo, são vítimas frequentes da violência paterna.

Outra semelhança é que o pai de Graciliano também foi obrigado a migrar pelo sertão com a família em busca de sobrevivência. As pressões sociais que atuam sobre esse pai, entretanto, são um pouco diferentes, pois, como foi dito, ele fora proprietário de uma fazenda e conhecera, portanto, posição social mais elevada. O narrador (que, como se sabe, é o protagonista das ações narradas, muitos anos depois) se lembra do pai nos tempos da fazenda como uma figura poderosa e ameaçadora: “Habituar-me a vê-lo grave, silencioso, acumulando energia para gritos medonhos”, que “ocasionavam movimentos singulares: as pessoas atingidas baixavam a cabeça, humildes, ou corriam a executar ordens. (...) Meu pai era terrivelmente poderoso, e essencialmente poderoso.” (p. 25)

Até que a seca, incomensuravelmente mais poderosa, obriga-o a vender a fazenda e a se mudar para Buíque. Aí a família passa a viver “com muita economia e sem nenhum conforto”, “como retirantes” (p. 157). Na nova posição, a figura do pai se esvazia: “Na rua examinei o ente sólido, áspero com os trabalhadores, garboso nas cavalladas. Vi-o arrogante, submisso, agitado, apreensivo – um despotismo que às vezes se encolhia, impotente e lacrimoso.” (p. 26)

Expressa metonimicamente a transformação do pai a mudança que sofre também o seu gibão, aos olhos do filho. Nos tempos da fazenda, de acordo com as lembranças do adulto, o menino observara que a vestimenta do pai – que “tinha diversos enfeites” – contrapunha-se à de Amaro vaqueiro – que, ao invés disso, tinha “numerosos buracos e remendos”. Mais tarde, entretanto, quando se encontra na vila, apresenta-se despido do poder de outrora. Na nova situação, o pai parece ao filho, “fraco e normal, um

8 - Os trechos de **Infância** transcritos neste trabalho foram extraídos da 31ª edição do livro, de 1995, e serão indicados pelo número de página entre parêntesis.

gibão roto sobre a camisa curta.” (p. 25-26)

Como se vê, a situação do pai em **Infância** também é de instabilidade. Além disso, tendo conhecido certa prosperidade e depois caído na escala econômico-social, vivia atormentado pelo pavor de cair mais ainda. Contudo, não chegara tão baixo que não pudesse ambicionar ascender novamente e reconquistar a posição social perdida. Talvez ele não chegue a tanto, mas alcança certa ascensão depois de alguns anos, quando reúne economias que lhe permitem “regressar às Alagoas e à mata” (p. 157) e reencontrar certo conforto e *status* social.

Enquanto não os alcança, entretanto, o pai de Graciliano, da mesma maneira que o de Miguelim, descarrega a agressividade que absorve do sistema que o oprime sobre os ainda mais fracos que ele. Diz o narrador de **Infância** sobre seu pai, nos tempos de Buíque:

Hoje acho naturais as violências que o cegavam. Se ele estivesse em baixo, livre de ambições, ou em cima, na prosperidade, eu e o moleque José teríamos vivido em sossego. Mas no meio, receando cair, avançando a custo, perseguido pelo verão, arruinado pela epizootia, indeciso, obediente ao chefe político, à justiça e ao fisco, precisava desabafar, soltar a zanga concentrada. Aperreava o devedor e afligia-se temendo calotes. Venerava o credor e, pontual no pagamento, economizava com avareza. Só não economizava pancadas e repreensões. Éramos repreendidos e batidos. (p. 26-27)

Já adulto, o narrador pode compreender que as pressões sociais levam o pai a um permanente estado de irritabilidade, que alimenta sua violência na vida doméstica.

Como se vê, a situação desse personagem, como a do capataz do Mutum, implica num “complexo entrecruzar dos mecanismos de dominação e sujeição econômicas, com dolorosas implicações sobre a consciência e as atitudes dos indivíduos”, nas já citadas palavras de Deise Dantas Lima. E, embora se possa dizer, de uma forma geral, que a família de Graciliano se situe num estrato social um pouco mais elevado que a de “Campo geral” (ao pai de Graciliano, mesmo depois dos prejuízos com a seca, ainda sobram recursos para se estabelecer, ainda que muito modestamente, na vila e

montar sua “venda”), os dois pais sofrem pressões sociais semelhantes nas duas narrativas. Mesmo em Viçosa, onde conhece certa ascensão social, o pai do escritor alagoano ainda depende dos poderosos:

Ofereceram a meu pai o emprego de juiz substituto e ele o aceitou sem nenhum escrúpulo. Nada percebia de lei, possuía conhecimentos gerais muito precários. Mas estava aparentado com senhores de engenho, votava na chapa do governo, merecia a confiança do chefe político – e achou-se capaz se julgar. Naquele tempo, e depois, os cargos se davam a sequazes dóceis, perfeitamente cegos. Isso convinha a justiça. Necessário roubar, absolver amigos, condenar inimigos, sem o que a máquina eleitoral emperraria. (p. 217)

Talvez haja aqui, outra vez, somente uma distinção de grau. O pai de Miguilim é mais pobre, mas a independência pessoal e a tranquilidade de espírito que só pode experimentar quem dispõe de estabilidade econômica e social não estão ao alcance de nenhum desses dois pais.

Não há, portanto, tantas diferenças significativas entre a condição dos viventes em **Infância** e “Campo geral”. Não há, igualmente, muitas diferenças na forma como eles reagem às pressões econômico-sociais que sofrem. No caso de Graciliano, entretanto, isso tem origem naquilo; ou seja, a psicologia e o comportamento do pai encontram explicação fundamental em sua situação social. Como observou Álvaro Lins, Graciliano Ramos é “um romancista introspectivo, interiorista, analítico, sem que leve em conta no homem outra condição que não seja a materialística. Um romancista da alma humana, tendo uma concepção materialista dos homens e da vida.” (LINS, 1963, p. 148-149)

Em **Infância**, pode-se percebê-lo na enunciação, por parte do próprio narrador, das determinações do comportamento paterno. As justificativas que o narrador encontrou para as atitudes violentas do pai são de ordem objetiva, mais especificamente sociais, econômicas e políticas, conforme o trecho citado anteriormente.

O caso de nhô Bernardo tem muito em comum com o do pai de Graciliano; entretanto, como ocorre em toda a obra rosiana, abriga ainda outra dimensão. Como observou Alfredo Bosi: “Atrás dos fatos (...), entrevê-se [na obra de Guimarães Rosa] um fundo obscuro, mítico, não-tocado pela

consciência moderna.” (BOSI *apud* LEITE, 1979, p. XVI)

É isso o que indica também a novela se passar num lugar tão longínquo como é o Mutum. De fundamentos realistas, ou histórico-sociais, Rosa retira a condição de verossimilhança para a inserção de elementos de outras e diversas naturezas nos seus gerais; e eles lhe emprestam dimensão transcendente. No caso da localização da fazenda do Mutum, o fato de ela se situar tão longe do mundo racionalizado das cidades permite sua abertura para outras dimensões de realidade, como aquelas a que o mito dá acesso.

Também do comportamento de nhô Bernardo é possível realizar o salto para outra esfera de significação. Mais do que outros personagens rosianos que enfrentam situação semelhante (como, por exemplo, o também capataz Manuelzão, de “Uma estória de amor”, outra novela de **Corpo de baile**), o pai de Miguilim parece especialmente vulnerável à influência nefasta de algo como uma força de destruição, que ameaça dominá-lo e fazer com que suas frustrações e ressentimentos irrompam em explosão arrasadora.

O próprio nome do capataz do Mutum sugere esta sua vulnerabilidade aos impulsos para a violência. Bernardo vem do germânico *bern*, variante de *ber*, urso; e *ardo*, de *hart*, forte (SANTOS, 1971, p. 126). Para Chevalier e Gheerbrant, “Poderoso, violento, perigoso, incontrolado, como uma força primitiva, (o urso) foi tradicionalmente o emblema da crueldade, da selvageria, da brutalidade.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 925)

Como foi dito em estudo já aqui mencionado,

No capataz do Mutum representa-se também certa vulnerabilidade a impulsos primitivos para a violência – que se manifesta, por exemplo, num personagem guerreiro como Ajax, que, furioso por não lhe terem sido dadas as armas de Aquiles, destrói os rebanhos destinados à subsistência do exército; ou Medéia, que sacrifica até mesmo os filhos, tomada pela fúria de vingança em relação ao marido; ou, ainda, Édipo, que mata Laio movido pela cólera e, com isso, sela seu destino funesto. (SOARES, 2008a)

Nhô Bernardo está, durante quase toda a narrativa, a um passo de se deixar levar por esse excesso, pela *hybris*, enfim, e acaba efetivamente sendo dominado por ela, como os personagens míticos acima citados. Não são menos dramáticas as consequências dos comportamentos desses heróis

míticos do que as dos atos finais do pai de Miguilim – que, segundo Vovó Izidra, “perdeu a cabeça” e, depois de matar um trabalhador da fazenda (que supostamente teria um caso com sua mulher), “se enforcou com um cipó” (ROSA, 1994, p. 538).

A iminência desse acontecimento funesto é sugerida prévia e indiretamente num trecho da narrativa em que se verifica uma homofonia entre as formas como o pai de Miguilim é chamado por seo Deográcias e pela mulher – nhô *Berno* pelo primeiro, *Bero* pela segunda – e os *berros* dos bois estourados. O trecho dá conta, inclusive em sua tessitura sonora repleta de aliterações, das consequências destrutivas e autodestrutivas da ação descontrolada dos animais:

(...) E os berros. Berru-berro feio, com quando o que gado toma uma esbarrada se estremece bruto, nervoso, derruba gente, agride, pula cerca. Doidavam desespero, davam testada. Até às vezes, no pular, algum rasgava a barriga nas pontas de aroeira, depois morriam. (ROSA, 1994, p. 490)

Importante lembrar também que na mitologia grega o touro indomado simbolizava o desencadeamento sem freios da violência (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 890-891).

Já em Graciliano inexistente a ordem do transcendente. Ela não é possível para quem, desde menino, só aceita os preceitos da razão. É o que se evidencia no episódio de **Infância** em que o filho pergunta à mãe pela “significação exata” da palavra “inferno”. A resposta, entretanto, não lhe parece convincente, pois se baseia em contradições lógicas:

Minha mãe (...) afirmou que aquela terra era diferente das outras. Não havia lá plantas, nem currais, nem lojas, e os moradores, péssimos, torturados por demônios de rabos e chifres, viviam depois de mortos em fogueiras maiores que as de S. João e em tachas de breu derretido. (...) Quando minha mãe me falou em breu derretido, examinei a cicatriz do dedo e balancei a cabeça, em dúvida. Se o pequeno tortão, esmagado com o peso de meio quilo, originara aquele desastre⁹, como admitir que pessoas resistissem muitos anos a barricadas cheias derramadas em tachas fundas, sobre fogueiras de São João? (p. 73)

9 - O narrador se refere aqui à ocasião em que, brincando de derreter breu, sofrera uma queimadura leve (p. 72).

Num mundo assim racionalizado, o comportamento do pai só pode ser determinado por contingências objetivas, como as histórico-sociais. Em “Campo geral”, ao contrário, os acontecimentos ficcionais não se explicam unicamente por esse tipo de determinações. Mais além do nível no qual se representam dilemas históricos da sociedade brasileira, encontra-se um arcabouço simbólico, mítico, místico e/ou arquetípico, que revela que nesse universo ficcional atuam forças mais abrangentes que o sujeito ou o meio social. Aí, as bases de compreensão do indivíduo não estão somente nele, ou na sociedade de que faz parte. Elas situam-se, principalmente, no modo como cada personagem se conjuga com forças mais amplas, transcendentais.

Abstract

The present study puts forward some reflections on the paternal characters of two narratives, namely **Infância**, by Graciliano Ramos, and “Campo Geral”, by Guimarães Rosa. These reflections are aimed at showing that there is a convergence between the two works, which allows us to read them in a comparative perspective; without, however, missing the fact that each work has some peculiarities of its own. For instance, in **Infância**, the father’s behaviour and attitudes are explained mainly by objective determinations; in “Campo Geral”, on the other hand, the basic elements for understanding the paternal character involve broader, transcendental forces as well.

Key words: **Infância**; “Campo geral”; Paternal character; Story; Myth.

Referências

BIZZARRI, Edoardo. **João Guimarães Rosa**: correspondência (com seu tradutor italiano). São Paulo: T. A. Queiróz, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1980.

BOSI, Alfredo. Céu, inferno. In: BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. São Paulo: Ática, 1987, p. 10-32.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 3 ed. Tradução de Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

GIRARD, Genet. **A violência e o sagrado**. Tradução de Martha Conceição Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

LEITE, Dante Moreira. **O amor romântico e outros temas**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1979, p. XII-XIX.

LIMA, Deise Dantas. **Encenações do Brasil rural em Guimarães Rosa**. Niterói: EdUFF, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 2.v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSA, João Guimarães. **Corpo de baile**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 31 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

RAMOS, Graciliano. Um livro inédito. **Teresa**: revista de Literatura Brasileira. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP/ Editora 34, 2001, p. 82-85.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SANTOS, Júlia C. F. **Nomes dos personagens em Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: INL, 1971.

SOARES, Claudia Campos. Tensões no corpo fechado do Mutum. In: BASTOS, Alcmeno *et al.* **Estudos de Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008a, p. 133-162.

SOARES, Claudia Campos. **Corpo de baile**: um mundo em transformação. **Ângulo**. Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 2008b, p. 40-47.